

6. Considerações finais acerca do sítio do Pombal

Archaeology is rather like a vast, fiendish jigsaw puzzle invented by the devil as an instrument of tantalising torment, since:

- a) it will never be finished*
- b) you don't know how many pieces are missing*
- c) most of them are lost for ever*
- d) you can't cheat by looking at the picture*

(BAHN, 1999, p. 5)

Nos capítulos anteriores procurei expor os dados existentes para o povoado do Pombal, assim como processar uma tentativa de enquadramento cronológico da sua cultura material e sequente integração regional.

A própria natureza da informação tratada peca, com certeza, pela falta de contextos seguros, sendo originária de escavações antigas e de prospecções superficiais. Mas havia que começar por algum lado e, julgo eu, o trabalho aqui efectuado terá conseguido alcançar os propósitos definidos inicialmente.

Dei a conhecer o espólio de uma escavação antiga, secundada por novos dados e possíveis abordagens mas, simultaneamente, terei contribuído para um melhor conhecimento da investigação na região de Monforte. As generalizações efectuadas em textos de síntese para os IV-III milénios no Alto Alentejo também parecem ter sido aqui confirmadas, ainda que os dados tratados se tenham cingido sobretudo aos finais do IV milénio e séculos seguintes.

Assim, o povoado do Pombal apresenta-se como uma ocupação provavelmente fundada em fins do Neolítico final/Calcolítico inicial, tendo-se consolidado durante o Calcolítico pleno. Na sua fase inicial, terá sido contemporâneo de outros habitats da área, possivelmente de menores dimensões, colocando-se a hipótese de, durante o Calcolítico, poder tê-los assimilado.

As evidências materiais parecem apontar para um intenso uso de instrumentos de pedra polida de corte e percussão, muito provavelmente conectados com o abate de árvores para a abertura de clareiras apropriadas às actividades agrícolas e pastoris.

Os elementos de moagem poderão ser o reflexo dessa agricultura, assim como os elementos de tear, da tecelagem, provavelmente com alguma primazia da lã sobre outras fibras, nomeadamente o linho. As duas morfologias em presença, placas e crescentes poderão prenunciar a referida cronologia de Neolítico final, perdurando pelo Calcolítico, mas também duas técnicas de tecelagem.

A presença de pratos e taças de bordo espessado, sobretudo aqueles com bordos almenrados, assumem o predomínio sobre amostras residuais de taças carenadas, denunciando um certo tipo de dieta eventualmente baseado em farinhas. Isto não significando que a caça e a recolha estivessem ausentes, devendo estas ser um complemento alimentar importante para aquela comunidade.

Ainda no campo das cerâmicas, sobretudo das decoradas, foi possível adivinhar eventuais contactos com comunidades mais setentrionais, o que já era referido para sítios junto à área do Tejo Internacional. Esses contactos poderiam estar associados a uma eventual transumância.

Mas a recolha de sílex pressupõe também contactos com a Extremadura portuguesa, onde também o pequeno almofariz calcário poderá ter ido buscar a inspiração, ou a origem, apesar dos contactos com a Extremadura espanhola e Alentejo Central não poderem ser esquecidos, enfim com o Sudoeste peninsular. A própria cerâmica campaniforme permite pensar num incremento desses contactos que, gradualmente, se consolidam, numa possível rede de trocas.

O prenúncio de um Calcolítico final poderá ser apontado pela evidência de metalurgia e pela cerâmica campaniforme, apesar de se poder recuar a cronologia para esta última evidência.

A identificação do espaço dos mortos desta comunidade revelou-se difícil, podendo admitir-se, todavia, baseado nos monumentos referidos, um distanciamento físico da comunidade viva, (re)utilizando antas localizadas na sua periferia.

O sítio da Cabeça de Vaiamonte, se algum dia puder ser correctamente escavado, poderá confirmar aquilo que se supõe, revelando-se como um subsequente povoado que, gradualmente, terá substituído o de Pombal.

Face ao enunciado, julgo ter salientado alguns dos aspectos conotados com a Revolução dos Produtos Secundários (RPS), fenómeno que terá tido a sua materialização durante o III milénio a.C.

Portanto, apresentei-vos uma leitura possível de velhos e novos dados que, apesar de poderem ter solucionado algumas questões antigas, levantaram ainda mais dúvidas e novas questões para mim, mas, também, espero, para outros autores que se interessam pelos assuntos aqui expostos.

Lisboa/Crato, 1999 – Janeiro de 2001. Revisto em Agosto de 2001.

